

**NOTAS DE PESQUISA SOBRE PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA  
PRIMEIRA REPÚBLICA (AMAZONAS, BRASIL, 1890-1930).**

Ygor Olinto Rocha Cavalcante\*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

[ygor.cavalcante@ifam.edu.br](mailto:ygor.cavalcante@ifam.edu.br)

**O AMAZONAS NO ALVORECER DA REPÚBLICA: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**

As primeiras décadas da República caracterizam-se por uma interessante turbulência política. A derrubada do regime monárquico em 1889 e a instalação de um regime republicano apontaram para a ampliação dos significados políticos, sociais e institucionais da cidadania, da igualdade e da liberdade no Brasil durante as passagens do século XIX para o século XX (CARVALHO, 2011). Nesse contexto, explode uma série de manifestações sociais que evidenciam as tensões entre as permanências de um passado colonial e escravocrata e postulações de igualdade e descentralização do poder que raiavam junto ao novo regime. Trata-se, portanto, de um momento de intensa batalha no campo das ideias e no campo político, dentre as quais, destacam-se: revolta da vacina, revolta da chibata, canudos, o contestado e a sedição de Juazeiro. Em todo o país também explodem movimentos operários, resultado do curto-circuito explosivo entre experiências de luta contra a exploração de populações egressas do cativo e do intenso movimento migratório que viu crescer substancialmente a quantidade de trabalhadores de origem europeia nas cidades brasileiras. (MATTOS, 2012)

Apesar dos vários estudos sobre esses movimentos, evidenciando como esses conflitos revelavam disputas em torno da agenda republicana, percebemos, contudo, um silenciamento quanto às experiências da juventude estudantil como parte integrante de

---

\* Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. Graduado e Mestre pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente, desenvolve pesquisas no âmbito das atividades dos grupos de pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no interior do Amazonas (IFAM) e Estudos Avançados sobre a formação do leitor: literatura brasileira, cultura e diálogos (inter)disciplinares (CESJF) sobre Estudantes e Política: Cidadania, Igualdade e Educação no Amazonas da Primeira República (1890-1930). Este texto contou com a generosa interlocução dos historiadores Tarcísio Serpa Normando e Hélio Dantas, para os quais registro meu profundo agradecimento pela indicação de referências bibliográficas, cessão de documentos e de fontes primárias, além das conversas que me introduziram nos meandros da história da educação no Amazonas.

um movimento mais amplo de construção dessa conjuntura. Em verdade, pesa, sobre esses movimentos sociais urbanos, certa opacidade quando indicados pelos termos “populações urbanas”, “setores urbanos”, “camadas urbanas”. Nessa direção, tanto nos sertões, quanto nos cenários citadinos, vê-se um contexto de turbulência política e cultural que marca o início da república brasileira.<sup>1</sup> Levando esse nervosismo social, cultural e político do período como pano de fundo, esta pesquisa se questiona sobre o papel dos estudantes nesse contexto, investigando, em especial, os estudantes do estado do Amazonas. Percebe-se, através de fontes produzidas nas escolas e universidades a respeito da atuação dos estudantes no âmbito escolar, bem como através de jornais e panfletos publicados pelos próprios secundaristas e universitários, a forte atuação desse segmento, através de comícios, agremiações, circuitos literários, entre outros.

Note-se que, em um país que vivia uma relativa abertura democrática e apontava para a ampliação dos significados de cidadania, a restrição à participação de analfabetos coloca a educação, e a situação dos estudantes, no centro do debate público (NAGLE, 2009, p.118). Estudiosos têm classificado esse momento inicial da república como um período de “entusiasmo pela escolarização”, com a criação de vários grupos escolares e instituições de ensino secundário. Apesar das distâncias geográficas, nota-se que os estudantes possuíam redes de circulação de lideranças a partir das quais faziam divulgar as pautas pertinentes ao movimento estudantil, bem como também viabilizavam a circulação de livros e revistas acadêmicas daquele contexto. Dessa maneira, este texto, a partir de resultados preliminares de pesquisa, pretende analisar os significados de cidadania, igualdade e educação em disputa a partir das lutas e posicionamentos dos estudantes, atentos ao movimento mais amplo de circulação de experiências e ideias no mundo latino-americano e atlântico.

Em âmbito local, a primeiras décadas da república assistem ao auge e à vertiginosa derrocada da economia gomífera, processo que atingirá em cheio as

---

<sup>1</sup> Os debates e polêmicas revelam a circulação de ideias que abarcam um amplo espectro ideológico do período, desde referências mais conservadoras até a divulgação de ideários socialistas e anarquistas. Ademais, o movimento de mulheres estudantes também se faz presente com a organização de comícios e associações. Importante registrar, nesse contexto, os relevantes estudos sobre a atuação da imprensa negra no Brasil. Contudo, inexistente qualquer preocupação da historiografia brasileira com a atuação dos estudantes negros no período em tela. O que coloca em relevo questões que tocam problemas de fundo étnico e racial na pauta dos estudantes e suas formulações sobre cidadania, república e educação. Sobre a imprensa negra, ver: (GOMES, 2005).

expectativas estudantis quanto ao apoio do Estado aos avanços da escolarização. As oligarquias que estavam à margem dos centros decisivos do poder, como as forças políticas do Amazonas, sentiam seus ressentimentos em relação à proteção do Estado brasileiro aos prejuízos das elites cafeicultoras sulistas e enfrentavam maus bocados. Sem uma política protetiva equivalente para seringalistas do norte do país, o Amazonas beirava o caos financeiro e político-social. Dois processos de retração econômica feriram gravemente o estado, em especial, Manaus. A queda da exportação da borracha, com a diminuição dos preços no mercado mundial e a concorrência do látex produzido na Malásia, associada à evasão repentina do capital de investidores estrangeiros, inaugura-se um período dramático. Nas palavras de Luís Balkar e Maria Luiza Pinheiro

A década de 1900 terminou com o choque trazido pela crise geral da borracha causando, de imediato, falências, demissões, e evasão do capital que havia, trinta anos antes, aportado na cidade. A crise atingiria todos os segmentos da sociedade amazonense, ou a quase todos, isentando apenas os endinheirados que puderam transferir seu capital e negócios para outros investimentos ou para novas fronteiras do capita. Para os populares e para o mundo do trabalho, ainda sofrido e caustico, o horizonte sombrio alarmava a existência e exigiria disposição e coragem para a reação e luta para continuar a viver com dignidade e esperança (2017, p.140).

O abandono dos seringais e conseqüente migração desses trabalhadores para Manaus aumenta a quantidade de miseráveis no espaço urbano. Ali, seringueiros desafortunados encontrariam incontáveis desempregados e inúmeros postos de trabalho sendo fechados. Tal situação concorre para a retração do mercado de consumo o que, por sua vez, empurra a sociedade para níveis precaríssimos de sobrevivência. A situação do funcionalismo público não seria diferente, pois, durante décadas, os atrasos nos vencimentos seriam a medida tomada pelo governo para enfrentar a queda da arrecadação de impostos do Estado – embora os cargos de primeiro escalão mantivessem seus ordenados em dia (PINHEIRO, 2017, pp.141-144).

Este era o cenário perfeito para o acirramento das disputas fratricidas entre as oligarquias locais pelo domínio da máquina estatal e dos poderes executivo e legislativo.<sup>2</sup>Os conflitos entre as facções políticas inflamavam disputas entre os seus correligionários, o que aprofundava o quadro de degradação social e política do Estado.

---

<sup>2</sup> Pode-se citar aqui a lideranças de Jonathas Pedrosa, Pedro Bacellar, Coronel Guerreiro Antony e a família Nery.

Nessas condições tão adversas seria razoável supor que as classes dominadas recuariam em ânimo e disposição para lutar por melhores condições de vida. Porém, como advertem estudiosos, os trabalhadores não cederam “diante da pressão patronal por aumento de jornada e retração de salários e empregos” (PINHEIRO, 2017, p.144).

Por todas essas condicionantes, compreender a atuação dos estudantes nesse contexto é de especial importância para lançar luz sobre a complexidade dos movimentos sociais, em sentido mais amplo; e, mais especificamente, trazer a lume as trajetórias de movimentos estudantis antes insuspeitos ou sublimados debaixo de classificações generalizadas como “camadas urbanas”.

### **OS JORNAIS ESTUDANTIS E A PARTICIPAÇÃO NO DEBATE PÚBLICO**

Ao analisar a produção periódica dos estudantes, percebe-se uma ampla e diversificada gama de títulos, temas e propostas de abordagens. O número de títulos é significativo para os padrões da época, encontrados até aqui doze títulos, de diferentes colégios.<sup>3</sup> Alguns jornais eram manuscritos (é o caso da *Revista Collegial*, de 1906), sinalizando o profundo desejo de participação e de produção de debates públicos, apesar da pequena capacidade de circulação desses jornais, quase sempre restritos ao espaço escolar. Neles temos acesso ao imaginário e a representações que tocam vários temas. Entre polêmicas e divergências de ideias políticas e de visões de mundo, ou ofensas e elogios entre seus redatores, pode-se encontrar pontos de convergência, especialmente quanto ao papel da educação no desenvolvimento da sociedade.

Corre nos jornais estudantis do período, especialmente na década de 1910, um forte discurso moralista, de defesa dos símbolos nacionais e de figuras representadas como “grandes homens”, protagonistas centrais do que julgavam ser “grandes eventos políticos e militares”. Estes, que formam um panteão bastante multifacetado e dissonante do ponto de vista político, são também classificados como “Homens de Bem”: honestos, inteligentes, patriotas. Compartilhando os mesmos elogios encontram-se figuras como: D. Pedro II; Floriano Peixoto; Hermes da Fonseca; Ruy Barbosa; José Bonifácio; José do Patrocínio.

---

<sup>3</sup> Revista Collegial; O Gymnasiano; Revista Aura; A Tribuna; A Opinião; O Estudante; Página Escola (de alunos do Colégio Dom Bosco); O Collegial (dos alunos do Colégio Rayol); Gazeta Estudantina; Correio Gymnasial; O Caloiro; O Escolar;

A chave conceitual (que permite aos estudantes tornar aliados personagens tão dispares ideologicamente) articula uma tríade feita dos seguintes modelos de subjetivação: honestidade-letramento-patriotismo. É assim que podem figurar na mesma página elogios aos “ másculo e nobre D. Pedro II”, líder de um regime “tirânico”; ao mesmo tempo em que se louva a proclamação da República como resultado da participação ativa do povo na luta pela liberdade – imagem no mínimo questionável se levarmos em consideração a avaliação de José Murilo de Carvalho em *Os Bestializados* (1987).<sup>4</sup> Assumindo esse imperativo de conduta e modelo de subjetivação, que exige dos estudantes, segundo sua própria produção intelectual, a interiorização do modelo “homem de bem”, ou “homem de excelência”, os alunos, do primário ao nível superior, promovem ações que reproduzem, na prática cotidiana, tais visões de virtude, um ideal ao qual eles próprios devem ser candidatos, isto é, ser ele próprio o herói responsável por grandes feitos, destinado à imortalidade que lhe será dada pela “verdadeira história” ao ser lembrado através dos tempos.<sup>5</sup>

Dessa maneira, é comum encontrar nos jornais, não apenas de estudantes, notas públicas nas quais são narradas visitas a professores - em reconhecimento ao trabalho realizado pelos mesmos; homenagens a personalidades públicas feitas em aniversários ou em comemoração por algum feito tido como especial ou relevante; ou simplesmente visitas para demonstrar afeto ou gratidão. Essas práticas, que buscam visibilidade social, não apenas reproduzem um modelo já explicitado anteriormente, mas funcionam como rituais (ou teatralizações) de obediência em relação ao imperativo de tomar como exemplo “grandes homens para guardar a cultura cívica” (*O Collegial*, n.1, 1914). Nota-se, aqui, um sentido para a palavra *cidadania* e como deve agir um cidadão. Por isso mesmo é fácil encontrar notícias de estudantes em defesa dos símbolos nacionais. Como se deu em 1910, no dia 28 de maio, quando dezenas de estudantes ocuparam a Praça da Constituição, já tradicional ponto de encontro de alunos (especialmente os ginasianos),

---

<sup>4</sup> Essas representações sobre “Grandes Homens” podem ser encontradas em jornais com perfis ideológicos bem distintos. Dentre os estudantis, pode-se citar como exemplo *O Gymnasiano* e *O Estudante*, o primeiro com viés mais conservador, católico; e o segundo mais ligado aos ideais anarquistas e socialistas. Nesse caso, acima citado, utilizados *O Gymnasiano*, n. 22, 1925.

<sup>5</sup> Sobre esta preocupação com o reconhecimento social a partir de um ideal de heroísmo e virtude, ver os termos do jornal *O Estudante*, n. 3, de 24 de julho de 1915. A esses modelos normativos vinculam-se expectativas sobre o papel social da Instrução, da Escola, dos Professores e dos Estudantes.

para proclamar, em discursos fervorosos, a defesa da bandeira nacional, que havia sido “vilipendiada”, segundo denunciavam, na Província de Santa Fé, território argentino.

Com efeito, a instrução, segundo os estudantes, deve educar não apenas para o patriotismo, mas também deve primar pela “educação dos espíritos” (*O Collegial*, n.3, 1914). A interface do serviço à Pátria, nesse contexto, sem vinculações partidárias - ou a defesa de políticos e suas intrigas (dirão os redatores do *O Gymnasiano*) –, é a moralização dos costumes, e os jornais estudantis cumprem importante papel nesse debate. Os jornais com perfil mais conservador, como *O Gymnasiano* e *O Collegial* (este último redigido pelos estudantes do Colégio Rayol, antigo 13 de maio), redigem artigos cujo teor oferece normas de conduta e modelos de subjetivação, em parte já explicadas anteriormente. O modelo de subjetivação, claro está, é o “Homem de Bem”, sob a tríade Honesto-Inteligente-Patriota; as normas de conduta, por seu turno, buscam administrar desde o modo de se vestir até apelo ao exercício da caridade (mesmo os mais pobres deveriam se dedicar ao préstimo da caridade). O uso do fardamento integra as técnicas a partir das quais se atinge um ideal de conduta: “esse fenomenal objeto que tão grande cunho trouxe em nosso Gymnasio”, mas que, apesar das portarias normativas do diretor, “caiu na debilidade estéril” (*O Gymnasiano*, n.1, 1910, p.3). Havia questões políticas mais profundas quanto ao uso do fardamento do que simples rebeldia ou indisciplina estudantil: defender o uso da farda, dizia o jornal, não significava não ser um “pacifista e civilista”. A indumentária estudantil estava, dessa maneira, atravessada por questões políticas mais amplas, que envolviam as eleições presidenciais que separavam os partidários de Hermes da Fonseca e a “Campanha Civilista”, de Ruy Barbosa. Este defendia a maior participação dos civis no Poder Executivo – e, por conseguinte, a redução da atividade política por parte das forças armadas. Para muitos alunos, portanto, o uso da farda era um “horror”, por reforçar apoio ao poderio militar na vida democrática.

Outros temas de teor normativo eram abordados nos jornais. Na edição n. 21, de 1925, por exemplo, *O Gymnasiano* narra pormenores da vida estudantil, um pouco da “cultura escolar”<sup>6</sup> produzida pelos estudantes: alunos que, apaixonados, fogem das aulas

---

<sup>6</sup> O conceito de cultura escolar é uma importante ferramenta conceitual que permitiu a sofisticação da compreensão das diferentes experiências vivenciadas na instituição escolar, enfatizando, apesar das condições estruturais socioeconômicas que a estruturam, as especificidades e diversidades institucionais,

para observar as alunas; outros são acusados de displicência por brincarem com jogos perigosos, como o “papagaio”. Na edição de número 3, do jornal *O Collegial*, vê-se que, além de discorrer sobre o que acreditavam ser imperiosa necessidade de obediência dos filhos em relação aos seus pais, os redatores trazem textos muito severos, de forte violência simbólica, quanto às normas de conduta a serem perseguidas pelas crianças. O jovem Júlio “Caboclo”, de treze anos de idade, por exemplo, ensinava aos seus leitores sobre o ocorrido com um menino que, de tanto maltratar animais, recebeu uma lição do destino: ao tentar mais uma de suas maldades, caiu de uma árvore e morreu tragicamente. Walter Rayol, contando seus oito anos de idade, contou história mais pavorosa relativa a um menino que havia morrido merecidamente (dava a entender a seus leitores), com um tiro na cabeça, por ser uma espécie de bolinador contumaz. Em resumo: mau comportamento leva à morte merecida. Temos, portanto, crianças defendendo publicamente a pena de morte.

A antítese – ou o “Outro”- desse modelo de conduta e subjetivação sintetizado aqui na figura do “Grande Homem” - ou o “nós”- encontra-se na tríade Raça – Classe – Instrução; ou ainda, para desmerecer um interlocutor, os jornais de perfil mais conservador logo se valiam do vocabulário racista da época e evocavam preconceitos de classe e de letramento. Se de um lado o jornal *O Gymnasiano* elogiava “o vulto histórico” José do Patrocínio, por ser este um defensor da liberdade e por ter ele lutado contra a “escravidão dos negros”; por outro, esse mesmo jornal promove, na edição de número sete, um discurso discriminatório e elitista com o pretexto de combater os “civilistas réles”, os “politiqueiros analfabetos”. Dias depois, agride frontalmente os redatores do jornal *O Estudante*, destilando palavras ressentidas e odientas contra os

---

não apenas no tempo e no espaço. Ademais, o conceito de cultura escolar permitiu ampliar o olhar sobre as relações da instituição escola com outras instituições educativas. Ao mesmo tempo em que enseja o uso inovador de diferentes fontes e abordagens metodológicas para levar a efeito essa análise dos diferentes sujeitos e atores que produzem uma forma de vida na escola. Contudo é importante ressaltar que, dentre as críticas possíveis ao conceito, há que se levar em conta o fato de que, do ponto de vista historiográfico, persevera uma extrema dificuldade de compreender a ação e a participação ativa dos estudantes como atores produtores de cultura escolar. Mais do que isso: produtores de visão pedagógica e de uma proposta de organização escolar. Este é, a meu ver, um problema que, este trabalho historiográfico busca enfrentar, e exige a do conceito de cultura escolar, mas a partir de uma perspectiva que contemple as experiências e as vivências estudantis ao longo do tempo, e nos diferentes espaços geográficos e sociais. Com efeito, essa abordagem convida ao exercício de análise diferentes disciplinas e ciências das humanidades. Ver: (SOUZA; VALDEMARIM, 2005)

colegas do *Gymnasio Amazonense*. Em verdade, a seção “surrando um negro”, já pelo título mostra a que veio.

Outro jornal que é alvo do racismo dos redatores do *O Gymnasiano* é o mensal *A Tribuna*, também impresso pelos alunos ginasianos, chamados de “cabreiros” e “mulatos cozinheiros”. Talvez o discurso raivoso e ressentido que os redatores do *O Gymnasiano* dispensavam aos colegas torne-se mais inteligível quando associamos ao evidente racismo, por parte dos primeiros, questões de classe. Afinal, o jornal *A Tribuna* divulgava longas páginas explicando a “verdadeira Lei”, qual seja, a “doutrina anarquista”. Explicações variadas, citações de diferentes autores, tentativas de análise da realidade local utilizando os conceitos dessa corrente ideológica demonstravam que o jornal estava compromissado com ideais bem distintos dos colegas do *O Gymnasiano*. Em seu primeiro número, de 19 de janeiro de 1911, a primeira página trazia a seguinte proclamação:

O sonho que ainda pesa em nossas cabeças, da realidade futura do predomínio do anarquismo, é ainda uma esperança que infalivelmente será radical. Dentro de pouco tempo, quando a humanidade compreender que deve haver igualdade entre os homens, ele há de surgir, para a derrocada eterna desta sociedade moribunda e para a redenção da humanidade.

Nos anos seguintes, até mesmo o jornal *O Gymnasiano* sofrerá inflexões ideológicas mais à esquerda, ainda que tímidas e guardasse traços conservadores. Uma nova geração de alunos estava responsável pela pauta do jornal e, parece, estavam preocupados com questões mais abrangentes. Na edição n. 19, de 7 de setembro de 1922, *O Gymnasiano* apresenta um breve histórico do *Gymnasio Amazonense*, situando esse relato no contexto mais amplo da história da escolarização no estado. Nesse contexto, os redatores do citado jornal preferem uma abordagem mais crítica da realidade, chamando a atenção para a necessidade de maior compromisso social e político com a instrução primária, por exemplo. Se de um lado existe a preocupação crítica com a ampliação da participação popular nos destinos da República; por outro lado essa defesa não podia se desassociar da religiosidade católica, como evidencia a referência aos “12 marcos de Gil Blas”, e a seu programa de combate, que reflete os ideais do movimento “Ação Social Nacionalista” (NAGLE, 2009, p.121).

O engajamento parece ter sido mesmo autêntico, pois, nessa mesma edição, um dos textos contemplava o marco de n. 6 do referido programa: “emancipação da mulher brasileira integrando-a no seu verdadeiro papel de primordial fator da nossa grandeza moral”. O que vinha a significar a expressão “emancipação da mulher” talvez se possa inferir do artigo biográfico sobre a “ilustre brasileira” Maria Quitéria. Nesse texto já se apresentam, do ponto de vista historiográfico, alguns temas e problemas que serão abordados apenas em meados do século XX pelos historiadores profissionais, especialmente na França e sua terceira geração da Escola dos Annales (BURKE, 1997; DOSSE, 1992). Seja como for, a abordagem é realmente inovadora: traz a mulher para o centro dos eventos, conferindo ao seu protagonismo papel fundamental para construção política do Brasil. E vai além: aproveita para demonstrar que a ausência de Maria Quitéria e de outras mulheres nos relatos históricos integra um esforço de esquecimento que deve ser superado pela historiografia. Trata-se, portanto, de crítica ao passado para propor outras possibilidades de leitura da realidade sociocultural no presente.<sup>7</sup>

Tome-se como exemplo dessa argumentação a narrativa trazida pelos alunos no jornal *O Gymnasiano* sobre a vida de Maria Quitéria, especialmente o momento no qual ela decide participar do conflito armado. Quitéria enfrenta a sociedade patriarcal frontalmente, desobedecendo à vontade paterna segundo a qual o lugar da mulher devia ser “tecendo, fiando e bordando”. De acordo com a narrativa: “durante a campanha, Maria Quitéria era encontrada, ora nas enfermarias, pensando carinhosamente os ferimentos de seus irmãos de armas; ora no mais grosso da peleja, combatendo com um heroísmo só acessível à mulher brasileira”.

Quanto à participação dos estudantes no debate intelectual, no contexto das primeiras décadas da primeira república, pode-se sintetizar, aqui, em princípio, grande esforço de participação, tanto pela quantidade de títulos impressos, sendo doze jornais encontrados até o momento<sup>8</sup>; quanto pela polifonia de temas e abordagens a partir dos

---

<sup>7</sup> Ao que parece a influência do movimento católico na educação e da Ação Social Nacionalista não é suficiente para explicar as práticas jornalísticas e intelectuais dessa nova geração de redatores do *O Gymnasiano*. Ela ia além da reprodução dos 12 marcos de Gil Blas, mas integrava sim, a própria proposta de abordagem crítica da realidade, cuja referência, aqui, é o escritor francês setecentista Alain René Lesage e seu romance realista de meados do século XVIII, *Le Histoire de Gil Blas de Santillane*. Para tanto, ver: (SILVA, 2008).

<sup>8</sup> Nas primeiras décadas do século XX, de acordo com estudiosos, sugere-se a média de 15 a 25 títulos de jornais circulando anualmente. Para tanto, ver: PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Folhas do Norte.

quais os estudantes se posicionavam publicamente. Nesses termos, os debates e a intervenção intelectual dos estudantes os colocam em um lugar fundamental nos conflitos daquele momento. Que tocam não apenas a escola, mas também as disputas e as tensões de uma conjuntura tão nervosa politicamente – e dramática para a economia do Amazonas, que sofria a decadência dos áureos tempos de exportação da borracha (especialmente a partir da década de 1910).

Se bem entendido, os estudantes entram em consenso sobre alguns termos, o principal deles relaciona-se aos modelos de conduta e de subjetivação a partir dos quais o estudante ideal é aquele que se espelha nos “Grandes Homens”, ou seja, honesto, instruído e inteligente, e patriota. Essa é a estrutura fundamental da identidade de um “nós” pretendido pelos estudantes. Nesses termos, o papel da instrução, do ensino secundário e da educação é fundamental para o bem estar da sociedade. E o papel dos estudantes é conduzir a nação e o povo ao hall das nações desenvolvidas, com um herói que, zeloso de sua comunidade, realiza grandes feitos almejando a eternidade através da História e da memória de seus compatriotas.

### **DO DEBATE PÚBLICO À ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO**

Essa intensa circulação de ideias convertia-se, muito rapidamente, em experiências políticas concretas de intervenção na realidade social. São inúmeras as associações estudantis criadas nesse período. E guardavam variados objetivos, entre propostas de intervenção política ou de finalidade científica e cultural. A título de exemplo, cite-se o Grêmio Científico Philomático; Grêmio Literário Gymnasiano; Núcleo Gymnasial; Agremiação Acadêmica de Estudos (organizada pelos alunos da Escola Municipal de Comércio visando contribuir “para o prestígio e alevantamento da classe dos estudantes amazonenses”<sup>9</sup>). Essas associações constituem-se em espaços significativos de experimentação e aprendizado político. Para concretizar e perenizar esses coletivos, os alunos exigem de si mesmos a participação ativa, o compromisso e a obediência a sacrifícios pessoais, inclusive dispendendo dinheiro, em prol das

---

<sup>9</sup> Jornal do Comércio, n. 3970, 1915, p. 1. O Núcleo Ginasial é citado no trabalho dos historiadores Luís Balkar e Maria Luiza Pinheiro. Ver, dos autores, *Mundos do Trabalho na Cidade da Borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1890-1930)*. Jundiá: Paco Editorial, 2017, p. 165.

atividades dessas agremiações. Nesse sentido, eles reúnem-se para discutir planos, metas, interpretação sobre a realidade social e cultural; reúnem-se para construir consensos, quando debatem as regras e deveres dos associados nos estatutos dessas entidades. Aprendem a liderar e ser liderados, ou seja, submetem os colegas à crítica, mas também, cedo ou tarde, tornam-se alvo delas (GOHN, 2012).

Em 1910, estudantes da Escola Universitária Livre de Manaus criam a agremiação *União Acadêmica*, que terá importância política decisiva na organização do movimento estudantil nas duas primeiras décadas do século XX, tanto em âmbito local quanto nacional. Em Manaus, a *União Acadêmica* faz-se presente em diversos eventos sociais, tais como missas, enterros de pessoas públicas e estudantes, formaturas acadêmicas, festejos e celebrações, especialmente de caráter religioso, além dos muitos festivais de caridade. No início do século, era tradição festejar São Luís Gonzaga, padroeiro da juventude e dos estudantes. Momento de grande pompa e que exigia trajes cerimoniais restritos ao ambiente acadêmico, os agremiados vestiam suas capas para ocupar lugar de destaque nas cerimônias e cumpriam papel de lideranças junto a outros estudantes das mais diversas escolas da cidade.

Comissões estudantis do Gymnasio Amazonense e da Escola Normal também se faziam presentes. Nos festivais de caridade, promovidos pela Cruz Vermelha, os associados tinham participação ativa. Mobilizavam campanhas de arrecadação de dinheiro, além do compromisso de prestigiar o evento organizado pelas “gentis patrícias” (*A Capital*, n.155, 1917, p.1). O ano de 1915 foi de especial atividade para essas comissões. Várias delas trabalharam arduamente para arrecadar dinheiro com o intuito de auxiliar os atingidos pela seca no Nordeste. Na edição n. 4058 do *Jornal do Comércio*, nota-se a liderança fundamental da *União Acadêmica* nesse momento, pois todas as doações deveriam se concentrar na sede desta agremiação. O engajamento tomou conta dos estudantes: festas eram realizadas para a venda de “cupons”, sessões de cinema no *Polytheama* para arrecadar recursos, além de utilizar metade da arrecadação com a venda dos jornais que passava a compor o conjunto de doações. Com a chamada “fome no nordeste”, o *Jornal do Comércio* publicava a seguinte informação:

Realiza-se hoje, no Polytheama, o festival em benefício dos flagelados, tomando parte nele vários intelectuais de Manaus. Publicamos o programa na secao competente. Durante o espectáculo, circulará o jornalzinho Correio Gymnasial, revertendo cinquenta por

cento da venda em prol dos flagelados. Esteve, hontem, em nossa redação uma comissão composta dos srs. Leovigildo Rebello, Joaquim Siqueira, Nicolas Castro e Costa e Matuzio Moura. Declararam-nos esses alunos do Gymnasio Amazonense que, no pavilhão desse estabelecimento, será levada a efeito, no próximo dia sete uma curiosa festa. Será feita, por essa ocasião, uma coleta que será entregue a uma das comissões que trabalham pelos nossos irmãos do nordeste (*Jornal do Comércio*, n.4050, 1915, p.1).

A partir de 1915, essas mobilizações tornam-se cada vez mais politizadas. Estudos recentes revelam a importante presença dos estudantes no contexto mais amplo dos movimentos sociais da cidade de Manaus em finais da década de 1910. Nessa direção, eles aparecem colaborando, inclusive, com a publicação de jornais eminentemente operários, como as participações de acadêmicos e ginasianos nos jornais *Extremo Norte* e *Vida Operária* (PINHEIRO, 2017, pp. 198-199). Os estudantes acompanhavam atentamente a evolução dos movimentos sociais em Manaus, pois, anos antes do exemplo citado acima, os alunos do Gymnasio Amazonense avaliaram, em seu jornal *A Tribuna*, nos seguintes termos:

“Em Manaus já se faz greve. Elas começam como greves de braços cruzados e metamorfoseiam-se em verdadeiras revoltas; elas aparecem devido à opressão vandálica das autoridades, pela falta de liberdade.”<sup>10</sup>

Em fevereiro de 1911, os redatores do jornal ginasiano *A Tribuna* inflamavam:

E as greves continuam. Ontem, era a massa de condutores, motoristas, hoje, a mocidade. Amanhã havemos de vê-los unidos, num só pacto, levantarem barricadas em praça publica com o fim único de quebrar o alicerce dos poderes tiranos (*A Tribuna*, n.2, 1911, p.4).

Em junho de 1914, os estudantes estiveram na proa de manifestações operárias entabuladas pelas trabalhadoras e trabalhadores, que marcharam da Fábrica de Roupas Amazonense e “seguiu a multidão operária em desfile até o Teatro Alcazar”, sob a liderança da operária portuguesa Cecília Miranda e do estudante Euclides Bentes (PINHEIRO, 2017, p.171). É exatamente no contexto de forte aproximação entre o movimento operário e o movimento estudantil que os associados da União Acadêmica decidem, após discussão coletiva em assembleia, fundar uma escola, dirigida pelos

---

<sup>10</sup> *A Tribuna*, n. 1, de 19 de janeiro de 1911, p. 4. O exemplo também é citado pelos historiadores Luís Balkar e Maria Luíza Ugarte Pinheiro, em obra já referenciada.

estudantes da Universidade, para os “homens do povo” no interesse de erradicar o analfabetismo no Amazonas.<sup>11</sup> Ao mesmo tempo, a luta operária e feminista animava as meninas da Escola Normal, que realizavam comícios, segundo informam, com algum desdém, os estudantes redatores do *O Gymnasiano*.

Como se poder perceber a atuação dos estudantes no âmbito local é vigorosa; mas ela não se restringe ao Amazonas. O exame da documentação desvela a atuação dos estudantes no sentido de construir redes mais amplas do movimento, fortalecendo os laços políticos com entidades de todo o Brasil. Em fevereiro de 1911, por exemplo, estudantes secundaristas e universitários organizaram vários eventos para recepcionar uma comitiva de acadêmicos de Direito e Odontologia que vinha do Pará com o objetivo de “fazer propaganda de uma revista” (*O Gymnasiano*, n. 6, 1911).

Os estudantes da Escola Universitária Livre de Manáos lançaram protesto aos quatro cantos do país “telegrafando para as principais academias brasileiras, indo até aos tribunais”, em defesa do acadêmico Luis Elysio Oliveira. O acadêmico havia se envolvido em brigas públicas com um potentado e escritor local, com ameaças de assassinato de ambos os lados, mas, segundo acreditavam seus colegas, Luis Elysio vinha sofrendo perseguição política por parte das autoridades do governo.<sup>12</sup>

Em 1917, os estudantes associados da *União Acadêmica* mobilizam a opinião pública local em defesa do governo federal, resultado de uma articulação com os estudantes paulistas, no contexto em que navios brasileiros haviam sido atacados por submarinos alemães em outubro daquele ano (*Jornal do Comércio*, n.4862, 1917, p. 1). Para tanto, os diretores da *União Acadêmica* organizaram um congresso, no Teatro Amazonas, convidando várias instituições com o intuito de votar uma “moção de aplauso e apoio ao governo sobre o momento nacional” (*Jornal do Comércio*, n.4869,

---

<sup>11</sup> *Jornal do Comércio*, n. 4032, 1915. Os estudos de Jorge Nagle, no livro *Educação e Sociedade na Primeira República*, revelam que, no início do século, havia forte preocupação com a alfabetização e a instrução primária. O que ele chama de “entusiasmo pela escolarização” animará a criação de muitas escolas, visto que, naquele momento, a alfabetização ampliaria a participação política da população superando as barreiras impostas ao voto para parte significativa dos cidadãos. Nesse sentido, a escola, a alfabetização e a instrução estão diretamente ligadas ao movimento de lutas pela ampliação do exercício democrático e de fomento de uma cidadania ativa.

<sup>12</sup> *O Gymnasiano*, 4 de fevereiro de 1911, n. 6, p. 3. A edição de n. 3448 do *Jornal do Comércio*, de 30 de janeiro de 1911, p. 2, traz a notícia de que Luiz invadiu uma palestra onde estava o dito escritor Bulcão e, pela segunda vez, tentava assinar o escritor. Luiz também era poeta em busca de reconhecimento, ver *Jornal do Comércio*, n. 2528, p. 1.

1917, p. 1). O texto, lido para o público e enviado ao presidente da república dizia o seguinte:

A mocidade do Amazonas, reunida em congresso deliberativo promovido pelos acadêmicos da Universidade de Manaus com a representação das demais escolas e de todas as classes sociais, em inteira unidade de vista com todos os moços do Brasil (...) cumpre o honroso dever de manifestar (...) a sua solidariedade e o seu aplauso vibrante à nobre atitude do Brasil em face do estado de guerra que lhe foi imposto (...), pondo à disposição do governo da República os seus serviços, assegurando estar pronta (...) a pegar em armas (...) em desafronta da soberania, da honra e do augusto pavilhão do Brasil, (...) cheios de emoção e de entusiasmo, de pé e em marcha para o triunfo e para a glória.

Em setembro de 1917, os integrantes da *União Acadêmica* preparavam-se para participar de um evento nacional na capital da república, a “Conferência Acadêmica”. Ali estariam delegações de estudantes do Brasil inteiro sob a organização de acadêmicos do Rio de Janeiro. Na ocasião seria dada continuidade ao projeto do estudante radicado em Manaus, Paulo Eleutério, também professor de História Universal e do Brasil no *Gymnasio Amazonense*, cujo objetivo era criar a “Federação de Estudantes do Brasil”. Desde o início de sua liderança como presidente da União Acadêmica em 1914, Paulo Eleutério percorreu todos os estados do país, “em missão de confraternização e amizade”, para apresentar sua proposta de organizar uma agremiação que unificasse o movimento estudantil brasileiro.<sup>13</sup>

Dias depois de noticiar a ocorrência do evento e a participação dos estudantes amazonenses, o jornal *A Capital* dá publicidade a integral da proposta que Paulo Eleutério havia apresentado em 1914 e iria, mais uma vez, articular sua aprovação. A proposta de estatuto era constituída de cinquenta artigos, dos quais destacamos os citados a seguir:

A mocidade acadêmica do Amazonas, por seu delegado, propõe aos estudantes do Brasil;

1 – a Fundação da Federação de Estudantes Brasileiros, que será uma associação de caráter nacional, isto é, constituída de todos os elementos estudantinos do Brasil, o que terá por fim principal a união geral e o prestígio da classe em todas as circunscrições da república.

---

<sup>13</sup> *A Capital*, n. 56, de 9 de setembro de 1917, p. 1. Não sabemos dizer ao certo se esta era uma vontade de reeditar o esforço de 1901, quando se criou a Federação dos Estudantes Brasileiros, de vida efêmera. Cumpre ressaltar a ausência de estudos mais sistemáticos sobre esse momento de articulação a nível nacional do movimento estudantil.

2 – a ação social, tendo por ponto de convergência a Capital Federal, se estenderá por todo o país, onde quer que haja estabelecimentos de ensino secundário e superior.

5 – a Federação, ao ser iniciada a sua organização, recebera em seu seio todos os estudantes brasileiros, bastando, para essa inscrição, que exibam as delegações locais os seus documentos de matrícula em escolas secundárias ou superiores.

Como se pode perceber, a proposta visava à criação de uma entidade que, congregando estudantes secundaristas e acadêmicos de nível superior, tornar-se-ia uma das mais poderosas articulações políticas da época. Esta Federação Brasileira de Estudantes, com ampla penetração no tecido social, portanto, precisa ser mais bem analisada do ponto de vista do impacto social e político partidário que ela possa ter.

### **À GUIA DE CONCLUSÃO...**

O que se pode afirmar, aqui, ressalvada a necessidade de maiores pesquisas, é que os estudantes amazonenses figuravam de maneira central no debate público e protagonizaram importante liderança na organização do movimento estudantil do país. Este movimento, embora bastante plural e multifacetado, possui estruturas bem delineadas: eles compreendiam a república como uma resultante da participação ativa do povo, especialmente dos estudantes. Para tanto, buscaram diversos suportes e estratégias para a construção de uma cidadania coletiva cuja experiência de luta forjava um ideal de liberdade e de educação com especificidades relevantes. Apresenta-se, nesse texto, o protagonismo dos estudantes, do nível primário ao superior, nos debates públicos e atividades intelectuais, a partir de jornais que, em que pese restrições de circulação aos ambientes escolares, todavia, animavam as disputas e polêmicas entre os estudantes; ao mesmo tempo em que se pode perceber na imprensa de grande circulação a reverberação de suas questões e suas demandas frente aos problemas enfrentados pela “classe estudantina”.

Com o avanço das pesquisas sobre o protagonismo estudantil na Primeira República espera-se compreender melhor como esse debate se inscreve nas práticas políticas concretas do cotidiano estudantil, bem como esse contexto possibilita o surgimento de lideranças e, como já se podem notar na documentação, movimentos de

radicalização. É importante sublinhar a necessidade de, em âmbito mais amplo, estudar as vinculações entre ensino de história, ou melhor, entre o ensino de humanidades clássicas (já que se tratava da principal preocupação curricular no início do regime republicano) à produção de identidades estudantis e à atuação política dos estudantes. Perceber essa vinculação pode iluminar sentidos e significados do protagonismo estudantil naquele contexto.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1997.
- CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- DOSSE, François. *A História em Migalhas*. São Paulo: EdUSP, 1992.
- GOHN, Maria da Gloria. *Movimentos Sociais e Educação*. São Paulo: Cortez, 2012, p.21.
- GOMES, Flavio dos Santos. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LIMA, Elissandra Lopes Chaves. *Dimensões da República das Letras no Amazonas: a intelectualidade Gymnasiana em Manaus (1900-1930)*, Dissertação (mestrado), Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- MATTOS, Hebe. A vida política. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História do Brasil Nação: 1808-2010*, volume 3 – A abertura para o mundo (1889-1930). Madrid: Fundação Mapfre; Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva, 2012.
- PINHEIRO, Luís Balkar & Maria Luíza Ugarte. *Mundos do Trabalho na Cidade da Borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1890-1930)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Manaus: EDUA, 2015.
- SILVA, Evaneide Araújo. As Faces do Realismo: Gil Blas e a tradição realista do século XVIII, *Revista Lettres Françaises*, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, n.9, 2008.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

SOUZA, Rosa Fátima; VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.